

As discussões em torno do desenvolvimento sustentável, um dos temas centrais da Rio+20, sequestraram atualmente a categoria da sustentabilidade. Não pode ser reduzida ao desenvolvimento realmente existente, que tem lógica contrária à sustentabilidade. Enquanto o desenvolvimento é regido pela linearidade, pelo crescimento ilimitado, que implica exploração da natureza e criação de profundas desigualdades, a sustentabilidade é circular, envolve todos os seres em relações de interdependência e de inclusão, a fim de todos poderem e deverem coexistir e coevoluir.

Sustentável é a realidade que consegue se manter, reproduzir-se, conservar-se à altura dos desafios do ambiente e estar sempre bem. Isso resulta do conjunto de relações de interdependência, que mantém com os demais seres e com seus respectivos habitats. O paradigma da sustentabilidade deve ocorrer em todos os âmbitos do real.

Para realmente ocorrer a sustentabilidade, especialmente quando entra em jogo o fator humano, o funcionamento mecânico dos processos de interdependência e de inclusão não basta, é preciso outra saída, composta de sustentabilidade: "o cuidado". Isso também encontra um novo paradigma.

Acima de tudo, o cuidado é uma constante cosmológica. Se as energias originais e os primeiros elementos não tivessem sido regidos por um cuidado solidário, para tudo ter sua devida proporção, o universo não teria surgido e não estaríamos aqui.

Nós mesmos somos filhos e filhas do cuidado. Se nossa mãe não nos tivesse acolhido com infinito cuidado, não teríamos tido como sair do berço. O cuidado é o pré-requisito que permite a um ser existir. É o conselheiro antecipado de nossas ações, para serem construtivas e não destrutivas.

Em tudo o que fazemos entra o cuidado. Cuidamos do que amamos. Amamos do que cuidamos. Pelos conhecimentos que temos atualmente sobre os perigos que ameaçam a Terra e a vida, se não cuidarmos surge

a ameaça de nosso desaparecimento como espécie. A Terra, empobrecida, continuará durante séculos o seu curso pelo cosmos, até talvez surgir outro ser, dotado de alta complexidade e cuidado, capaz de sustentar o espírito e a consciência.

A seguir, resumimos os diferentes significados do cuidado, a partir de muitas fontes, que vêm da mais remota antiguidade, de gregos e romanos, passando por Santo Agostinho e culminando em Martin Heidegger. Veem no cuidado a própria essência do ser humano. Identificamos quatro grandes sentidos que se envolvem mutuamente.

Primeiro: o cuidado é uma atitude de relação amorosa, suave, amigável, harmoniosa e protetora da realidade pessoal, social e ambiental. Metaforicamente, o cuidado é a mão aberta, a se estender para a carícia essencial, o aperto de mãos. Dedos que se enlaçam com outros dedos para formar uma aliança de cooperação e união de forças. O contrário da mão fechada e do punho fechado para subjugar e dominar o outro.

Segundo: cuidado é todo tipo de preocupação, inquietude, mal-estar, desassossego e até medo de pessoas e realidades com as quais estamos afetivamente envolvidos. E por isso nos são preciosas. O cuidado nos acompanha a cada momento e em cada fase de nossa vida. Envolve-nos com as situações e as pessoas que nos são queridas. Elas nos trazem cuidados e nos fazem viver o cuidado essencial.

Terceiro: o cuidado é a vivência da relação entre a necessidade de ser cuidado e a vontade e a predisposição para cuidar, criando um conjunto de suportes e proteções (*holding*) que torna possível a relação indissociável em nível pessoal, social e com todos os seres vivos.

O cuidado-amoroso, o cuidado-preocupação e o cuidado-proteção-apoio são existenciais, isto é, dados objetivos da estrutura de nosso ser no tempo, no espaço e na história, como demonstrou Winnicott. São anteriores a qualquer outro ato e subjacentes a tudo o que empreendemos. Por

isso pertencem à essência do humano.

Quarto: cuidado-precaução e cuidado-prevenção referem-se àquelas atitudes e comportamentos que devem ser evitados por suas consequências prejudiciais previsíveis (prevenção) e imprevisíveis, devidas às vezes à insegurança dos dados científicos e ao imprevisível dos efeitos nocivos ao sistema de vida e ao sistema da Terra (precaução). O cuidado-

prevenção e o cuidado-precaução nascem da nossa missão de cuidadores de todo ser.

Como se deduz, o cuidado está ligado aos temas vitais que podem significar a destruição do nosso futuro ou a manutenção de nossa vida sobre este pequeno e belo planeta. Somente vivendo radicalmente o cuidado garantiremos a sustentabilidade necessária à nossa Casa Comum e à nossa vida.

CRÍTICOS, CRIATIVOS E CUIDADORES

Diz-se acertadamente que educar não é encher uma vasilha vazia, mas acender uma luz. Educar é ensinar a pensar, não apenas transmitir conhecimentos. Eles nascem do hábito de pensar profundamente.

Hoje em dia conhecemos muito, mas entendemos pouco aquilo que conhecemos. Aprender a pensar é decisivo para nos situarmos com autonomia na sociedade do conhecimento e da informação. Caso contrário, seremos apenas lacaios, condenados a repetir modelos e fórmulas que se superam rapidamente. Para pensar, realmente, precisamos ser *críticos, criativos e cuidadores*.

Somos **críticos** quando situamos cada texto ou evento em seu contexto biográfico, social e histórico. Todo conhecimento implica interesses, que criam ideologias, formas de justificação e às vezes de encobrir determinadas atitudes. Ser crítico é tirar a máscara dos interesses escondidos e desvelar a superfície das conexões ocultas. A boa crítica sempre é autocrítica. Somente assim se abre espaço para o conhecimento, que corresponde melhor ao real, sempre em mudança. Pensar criticamente é pensar sobre o que queremos e situar o ser humano e o mundo no quadro geral das coisas e do universo em evolução.

Somos **criativos** quando vamos mais adiante das fórmulas convencionais e criamos maneiras surpreendentes de nos expressar e soletrar o mundo; quando estabelecemos relações novas, introduzimos diferenças sutis, identificamos potencialidades na realidade e propomos inovações e alternativas consistentes. Ser criativo é dar asas à imaginação – a louca da casa –, que sonha sonhos ainda não ensaiados, sem esquecer a razão que põe nossos pés na terra e nos garante o sentido das mediações.

Somos **cuidadores** quando prestamos atenção aos valores que estão em jogo, àquilo que realmente interessa, e nos preocupamos com o que nossas ideias e ações podem causar aos demais. Somos cuidadores quando não nos contentamos somente em classificar e analisar dados, mas quando temos em conta as pessoas, destinos e valores que estão por trás. Por isso, somos cuidadores quando discernimos o que é urgente e o que não é, quando estabelecemos prioridades e aceitamos os processos. Em outras palavras, ser cuidador é ser ético, pessoa que coloca o bem comum acima do bem particular, que se percebe corresponsável com a qualidade da vida social e ecológica, que dá valor à dimensão espiritual, tão essencial ao sentido da vida e da morte.

A tradição ilustrada da educação enfatiza muito as dimensões crítica e criativa, mas bem menos a **cuidadora**. E é urgente hoje. Se não formos cuidadores coletivamente, esvaziaremos a crítica e a criatividade, e podemos colocar tudo a perder. E então viveremos em uma sociedade com uma justiça mínima, uma paz permanentemente ameaçada e frágeis condições da biosfera. E a vida assim não será possível...

Albert Einstein foi despertado para a dimensão cuidadora do saber quando Krishnamurti o interpelou: “em que medida, sr. Einstein, sua teoria da relatividade ajuda a diminuir o sofrimento humano?”

Einstein, perplexo, guardou discreto silêncio. Mas mudou. A partir daí se comprometeu pela paz e contra as armas nucleares. Em todos os âmbitos da vida, necessitamos conviver com pessoas críticas, criativas e cuidadoras. É condição essencial para uma cidadania plena e para uma sociedade que não cansa de se renovar. Hoje, é tarefa da educação criar esse tipo de pessoa. □